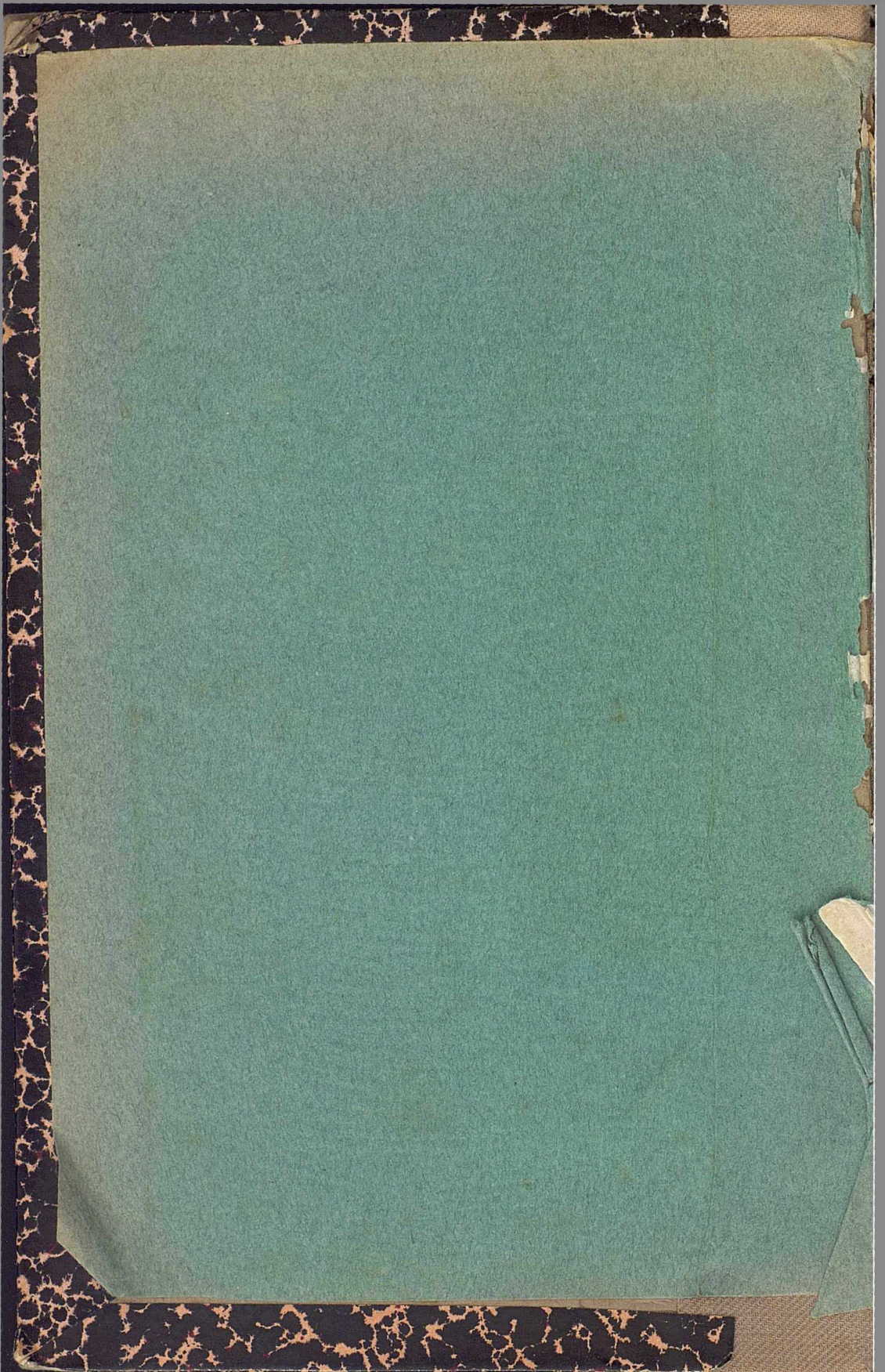


TYORA

GRANEA

1875





DE JUNHO DE 1938



B

N.º 6.843

R.º 6.026

SERMAS

CARTAS

A

Annibal Fernandes Thomaz

POR

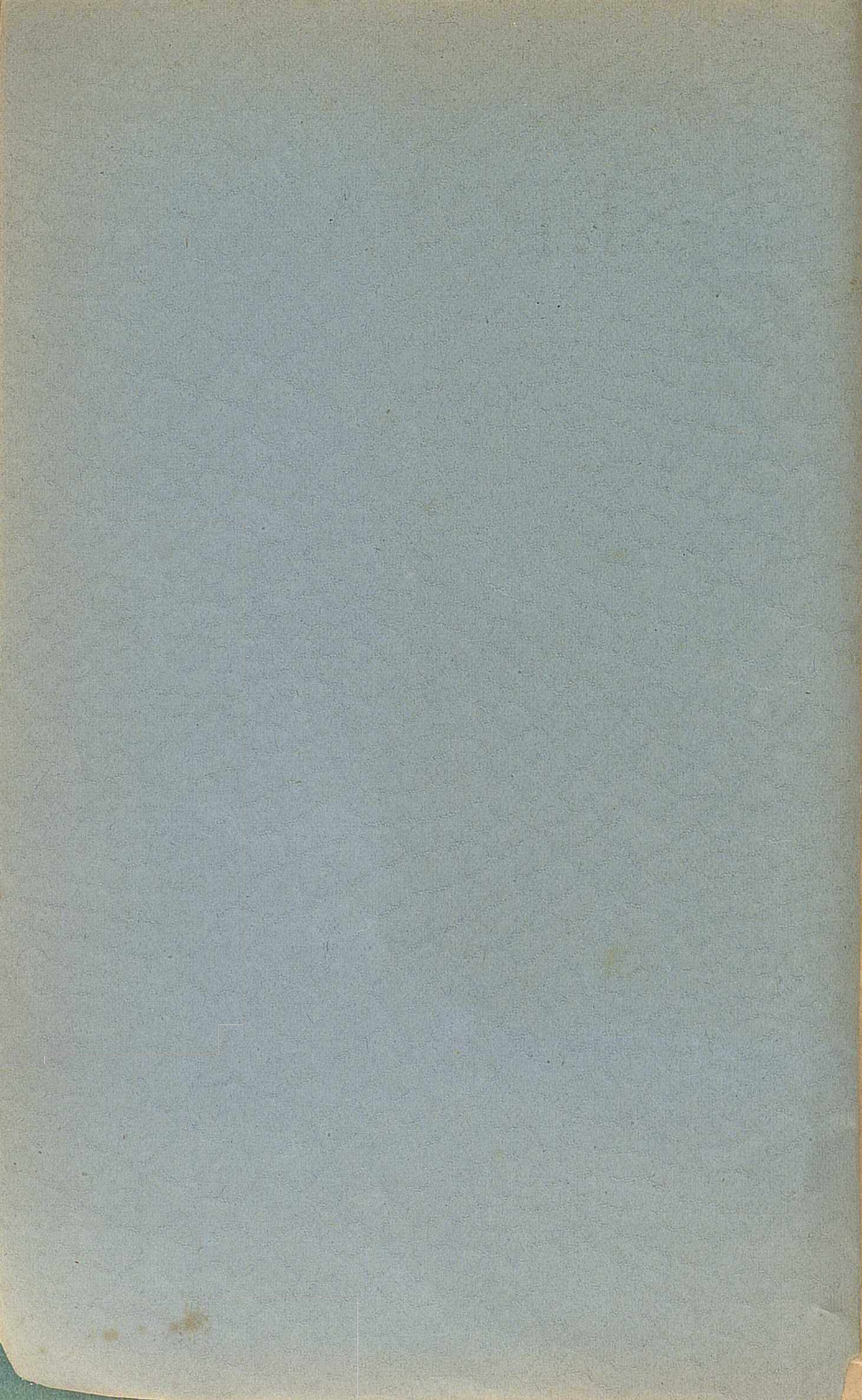
Bonifaciano Franca Ratos



EVORA

EMPRESA TYPOGRAPHICA EBORENSE

1906



B
6.843

SERMAS

CARTAS

A

Annibal Fernandes Thomaz

POR

Bonifaciano Franca Ratos



23 ABR. 1941

N.º 6.026

EVORA
EMPRESA TYPOGRAPHICA EBORENSE

1906

MEMOIRS

OF

THE

LIFE

OF

JOHN

AND

OF

Ao distincto Reitor
do Lyceu Central de Évora

o excellentissimo senhor Doutor


José Lopes Marçal

Handwritten text, possibly a title or header, including the word "Journal" and "1850".

Handwritten signature or name, possibly "John F. Johnson".

Main body of handwritten text, appearing to be a list or journal entries.

Excellentissimo Doutor e Amigo

 O começar 'nesta cidade o meu trabalho litterario, foi o primeiro, com o titulo de MANOELINHO DE EVO-RA, dedicado a um amigo, o senhor Doutor Rodrigo Velloso, e ao fechar o cyclo do meu labor, sobre um dever me é agradabilissimo o dedical-o a outro amigo, como aquelle, dos legitimos, dos abnegados, dos singulares.

Não prima o breve escripto nem pela extensão nem por substancia, como fructo de arvore caduca; mas recorde que lhe fôra agradavel o ver uma amostra delle, razão sufficiente para lh'o offerecer completo, para unir o meu esquecivel nome ao de Vossa Excellencia, que se-rá sempre lembrado por muitas virtudes, que tem, não sendo a mais somenos dellas a do bem fazer a toda a gente, sem admittir retalições, que poderam ser justas, se exercidas.

*Levo-lh'o no dia de seus annos como quem não pos-
sue mais que dar do que fructos de mediocre intelligen-
cia e de estudo, feito em volvidos annos de vigor.*

*Outra cousa não significa elle mais do que a gra-
tidão, que quero seja conhecida de quem viver depois
de nós, como dos presentes é bem sabida e notoria.*

Acceite-m'o, meu nobre amigo, com um abraço do seu

gratissimo

*Evora, 6 de Fevereiro
de 1906*

A. F. BARATA

SERMAS¹

CARTAS AO SENHOR

ANNIBAL FERNANDES THOMAZ

I

Não é justo
Que o continuo zum, zum do consoante
Que o ouvido agita só, a alma não,
Esfrie o fogo que na ideia nasce.

GARÇÃO.

PERGUNTA, amigo meu, que faço agora?
O que escrevo, o que leio, em que medito?
Dar-lhe resposta vou leal e franca,
Em soltos versos que só prosa lembram.

¹ Sermas, são canções da tarde. 'Num livro da Bibliotheca Publica de Evora, ou da particular da Manisola li eu, annos ha, um livro, cujo titulo não tomei, nem indicação de auctor, no qual existe esta classificação :

Arte de trobar	de achar, inventar
Soulas (solaos)	canções alegres
Lais (epicedios)	» tristes
Albas	» da aurora
Sermas	» da tarde
Baladas	» de dansa
Sirventes (satyras)	» satyricas
Tensons (tonsões)	» de guerra
Pastorellas	» de pastores

Emprego o termo, sem saber donde vem, affigurando-se-me ser do provençal.

Já nada escrevo, que valor contenha,
 (Se algum'hora o tiveram meus escriptos :)
 Só lá de longe em longe, um artiguinho
 Sobre mil nadas, e mil cousas futeis
 D'aquellas de que falla o Manoel Mendes
 Alinhavando vou unicamente,
 Quando m'os pede alguém, ou mesmo quando
 Prurido estranho a escrever me força.

Preciso de mostarda estimulante
 Como da ingleza me carece o estomago.

Deve bem concluir destas premissas
 Como velho já sou, e, decadente,
 Pouso meus passos nos degráos extremos
 Da escada fatal da vida humana,
 Cujos bansos sustenta a campa fria.

Trago o tédio a meu lado, evito os homens,
 Por companheiro ter a um cão somente. ¹

Mil considerações sobre a amizade
 Faço em meu cogitar, muito mais vastas
 Do que as que fizera o grande Cicero,
 Chegando 'nelle, oh! céos! a pôr em duvida
 A existencia da famosa diva!
 Ou quando menos seja, a só ver 'nella
 A imagem de um egoismo disfarçado,
 Do interesse pessoal d'este ou d'aquelle.

Candida sympathia immaculada
 Occupa no meu peito o logar della.

¹ Inutil é o fallar em excepções.

Mas, deixando este plano muito esconso
 Em que posso cair, quebrar a espinha,
 O que leio direi: compulso apenas
 Tal ou tal livro, que me ensine um tanto,
 Que me chame a attenção 'num ponto ou 'noutro;
 Que lel-o inteiro, com 'noutros tempos,
 Quando os mais devorava do que os lia,
 Isso não póde já minha vontade;
 E não é, conhece-o bem, por ser um sabio,
 Mas porque mais tresleio se mais leio.
 Contento com o pouco, que possuo,
 Que chega para mim e para outros,
 Não tenho ambição de mais sciencia.

E depois, ler o quê? um mixtiforio
 Chamado portuguez, falho de ideias,
 Com medonha graphia horripilante,
 'Té do publico poder sanccionada!
 Deus me defenda de fazer tal cousa.

Caturras, caturrões, gentes da moda
 Vinde cã e dizei-nos o motivo
 Porque esta orthographia é portugueza?
 Porque aquella o não é? Porque a usaram
 O Ferreira, Camões e Gil Vicente
 É pura, boa e san? E quem demonstra
 Que acertos são os seus e não são erros?
 Nem o *sicut voluerunt priores*,
 Vem provar cousa alguma em taes materias,
 Dado que o allegueis. O ponto é este:
 Erraram os passados? Os modernos?

Demonstrae isso bem, se sois capazes,
 As duvidas tirae do meu espirito,
 E deixae, que vae bem, correr o mundo,
 O mundo litterario, o orthographico,
 Os mundos todos do universo inteiro.

Deixae lá isso em paz: como na Hespanha,
 Dae ao demo ypsilões, letras dobradas,
 E outros nadas que de nada servem:
 Quanto ser possa, retratae palavras;
 Que, de parte os absurdos dialecticos,
 É a mais racional orthographia
 De quantas lembrar pôde este ou aquelle.

Seja retrato da palavra a escripta.

Eu, que assim fallo e não dou exemplo,
 E' porque sou qual papagaio velho
 Que linguas não aprende, e só repete:
Papagaio real, olá, quem passa?
 Ao ver passar por mim a tantos sabios.

Não façaes guerra ao Z, letra symbolica
 Que se fende em dois *lês*, que dão comêço
 A ladrar, lerdo, lixo, lôrpa e luxo...

Quem sabe orthographia é nosso espirito:
 Esta ou aquella sempre bem lhe sabe.

E basta de incidentes; só me falta
 Dizer ao meu amigo em que medito?

Medito muito na vaidade humana,
 No fumo vão da gloria, que não compra
 Nem vestes, nem comida, e nem da morte
 É capaz de livrar, descaroavel.

Pasmo de ver como a fortuna cega
 Alcandora a alguns, e abate a outros,
 Sem pôr pontos nos *is*, exceptuando-me,
 Que, bemfadado, della me não queixo,

Ganhando um dinheirão com tres empregos,
(Que nem politicões me levam lampas!)
Mui pingue cada qual, já quasi um Cresso!
Não embargante o ajuizar d'aquelles
Que, como Tolentino, choramigas
Em sua insensatez, em seu despeito
Com a penna na mão tal me proclamam!...

Sonho, por fim, acabar 'num canto,
Á transtagana capital fugido,
Como fogem os cães aos crocodilos
Pelas margens do Nilo celebradas.

E se quizer, pergunte mais, pergunte,
Em quanto responder-lhe ainda posso
Do mundo sublunar, em que vivemos
Hospedes de um só dia. É adeus, amigo.

Post scriptum. Entenda esta missiva
Falta de notas, como melhor possa,
Até que um dia lh'as darei meudinhas.

Evora, Julho de 1903.





II

BEM fez, amigo velho, perguntando
Ainda mais cousas do que vae por Evora.

Quer de letras saber, dos prosadores,
Dos poetas notaveis mais graúdos,
Emfim, de todos que se dão ao estudo.

São difíceis perguntas, por complexas,
Por muito haver que ponderar no caso.

Houve já tempo em que a cidade de Evora,
Quando viveiro de mil frades fôra,
Morada não foi só de lavradores,
Mas de homens de saber, letras, sciencias.
Os dominicos ensinaram muito,
Muito ensinaram outras ordens mónacas
'Té que a Universidade se extinguiu.

Teve em dezenas bibliothecas ricas,
 Teve imprensas tambem,¹ lojas de livros,
 Não só de nacionaes, mas de estrangeiros,
 De um dos quaes, de Lermet, se lembra o nome.²
 Vascôncellos, Barreiros, os Estaços,
 Severim de Faria, os dois Resendes
 E outros mais em prosa e verso eximios
 Cá estudaram, escreveram livros;
 Já são mortos, porém, sem descendencia.

Tout passe. Já lá vão ha muito frades,
 As livrarias, que tiveram, foram-se,
 Vendidas para embrulhos e foguetes.
 Ficou apenas a da Mitra, publica,
 E do Governo tutelada agora,
 Que gloria será sempre de Cenaculo;³
 Mas, aos ratos está; só rapazinhos
 A frequentam, lá vão por ver bonecos;
 Que outros leitores só *apparent rari*.

Ha pouco ainda um leitor tivera
 Estudioso a valer, que a perlustrava
 Diariamente, com geral proveito,
 Nos fructos saborosos que entornava
 Do seu muito estudar sobre nós todos,
 Os famintos de luz, que somos tantos!
 Do estudo e do saber, hoje, em Lisboa,
 Tem alta e justa cotação na Bolsa,
 Donde derrama a flux sabedoria
 Sobre os mil ramos do que estudam homens,⁴

¹ Começou em 1521 com a impressão de dois livros da Ordenação do Reino, de D. Manoel.

² Cf. Missal Eborense de 1509, no colophon.

³ E tem a da Manisola, do senhor Visconde da Esperança, que deve orçar por 28 mil volumes, afóra os manuscriptos.

⁴ O sr. Gabriel Pereira, um erudito de nossos dias.

Tout passe. Lá se foi tambem mais este,
 E só ficaram a cortar aos livros
 As estampas que têm, os taes rapazes,
 A roer-lhes as entranhas a polilha,
 Se o não fazem tambem as *ratazanas*.

Nas ruas da amargura, o jornalismo
 Anda por cá a forragear artigos
 Magros, sem portuguez e sem ideias,
 (Salvaguardadas excepções bem poucas),
 Donde resulta ser a imprensa em Evora
 A mais adoentada da Provincia,
 E do *gallico morbo* a mais gafada.

Não se conhece a lingua mãe a fundo,
 Nem tal se quer saber. Letras de cambio,
 Transacções commerciaes absorvem
 Todas as attenções aos filhos de Evora,
 Com as taes excepções supra referidas.

Pastagens, gados varios, montanheiras
 São os assumptos que mais fundo estudam.
 Assim é que bem poucos importancia
 Dão ao bem escrever, quer prosa, ou verso.

Em sabendo assignar uma escriptura,
 Um recibo passar, de mais não curam.
 Um conheci eu, que nem ler sabia,
 E por seu nome um gregotim pintava,
 Dizendo se feliz mais do que os outros;
 Porque nem Regedor da freguezia
 Lembrança de o fazer ninguem teria.¹

¹ Não lhe lembro o nome : era conhecido pelo *Principe Escarlate*.

Não ha, não ha quem tersa prosa escreva,
 Quem ponha em seu lugar não digo a um *cujo*,
 Como Herculano escrevera algures,
 Mas quem um *que* de um *quem* distinga ao menos. ¹

De versos não fallemos; só desponta
 Um vate illustre por nobresa herdada
 De excelsos avoengos. Do Tagarro ²
 A gloria offusca já á celebrada
Laura de Anfriso, que algum nome teve,
 Como gerada nos sombraes charramicos ³
 Mais frescos que os murtaes de Gnido e Paphos.

Do José Daniel e do Rosendo ⁴
 Mostra profunda haver lição benefica,
 Sublime inspiração, doce harmonia,
 'Nessa regras que traça e versos chama.

Cá veio agora o Rei. Abriu comporta
 O vate *juvenil*, jorrou soneto,
 Depois de haver chamado em seu auxilio
 Aon umen tutelar das bagatelas.

«Vinde vós, musas todas, por piedade
 «Ajudar-me a fazer este soneto,
 Venha Apolo vestido de frade,
 «Venha tambem vestido de preto... ⁵

¹ A um artigo litterario, já revisto pelo auctor, vi eu substituir um *quem* por um *que* a um *redactor de folhas*, d'aquelles de quem o grande Castilho (A. F.) falla no *Eu, Antão Verissimo e a mosca*, dos que *nascem de encolhas*.

² Manoel da Veiga Tagarro.

³ Do Xarrama, ribeira no inverno e coelheira no verão.

⁴ José Daniel Rodrigues Costa, auctor de *millessimas cousas urgicas*, e Rosendo Antonio de Carvalho, se acerto com o nome do cysne, que ainda conheci em Coimbra, por 1848.

⁵ *Collecção de versos burlescos lithographados*. Coimbra, s. d.

Com taes parturientes á luz veio,
Benzido por Lucina, este producto,
Este pimpolho, de mimoso metro:

«Senhor! sede bem vindo á minha terra
«Que anhela por que grato vos ser possa!
«Olhae-a paternal, é tambem vossa
«P'ra vos servir na paz, servir na guerra!

«Orgulhosa será de seu brasão,
«Mas razão tem, Senhor vós o sabeis.
«Já foi berço de heroes, côrte de reis...
«Pergaminhos, senhor, da tradição!...

E basta, não mais. *Ex digito gigas*,
Como nossa alma consolada fica!
Pergaminhos Senhor da tradição!...

Lera-se aquillo 'numa folha de Evora.

Perfeito sem senão, uma lindesa
De muito seduzir com seus encantos!
São versos a punção: repare 'nisto:
«Que anhela por que grato vos ser possa!»
Até *canela* tem, que saboroso!

E o quarteto segundo! quatro traques
De puras bombas são, mais do que rimas:
São chispas de talento corrigidas
De algumas impuresas, no outro mundo,
Do gran Thomaz Ribeiro, o *assucarado*,¹
Ou mesmo 'neste do Parreira eximio.²

¹ Para quem não entenda o adjectivo *assucarado*, diz-se que a malevolencia chamava ao poeta do D. Jayme *uma perfidia num assucareiro*.

² Affirma-se que Thomaz Ribeiro lambia os filhinhos do poeta, logo que nasciam e que depois delle o fizera o bondoso A. M. d'O. Parreira. Valha a verdade.

«Cesse tudo o que a antiga musa canta.»¹

E basta de missiva por agora.

Creio ter demonstrado ao meu amigo
O que de um certo já Bocage disse,
E eu digo dos de cá, de muitos delles:
São nada em verso, quasi nada em prosa,
Lembrando sempre as excepções citadas,
Para carêtas evitar injustas.

E mais direi, se mais quizer que diga.

Evora, Outubro de 1903.

¹ Camões.



III

AMIGO de ha trinta annos, pelo visto
Quer mais canções da tarde, quer mais sermas,
Quer mais saber do que succede em Evora
No tocante a sciencias, artes, letras,
Não satisfeito com o que já lhe disse,
Notando, e muito bem, que os Institutos
Que esta cidade tem de ensino publico,
É mais corporações já ensinadas
Nem essas dêem uns signaes de vida,
De vida intellectual, de sapiencia,
Um fructo tal ou qual, quer sasonado,
Quer a travar a temporão, verdura,
Ou já a podridão, qual este agora.

Não teem as artes meio em que vivam,
Por muito breve ser seu ambiente,
Por serem poucos os que as mãos lhe estendam.
Ceramica, pintura, estatuaria
Não se conhecem cá se não de nome,

Se não nas obras que de fóra trazem
 Os poucos homens que lhes tem affectos.¹
 A olhos vistos definha a propria musica,
 E não só a profana como a sacra,
 Que ha pouco ainda tinham vida intensa.²

Tem um Lyceu central esta cidade,
 Dos mais famosos que no reino havemos³
 Composto de homens de saber, talento,
 Bem provado nas lições a seus discipulos;
 Esses homens, porém, alem do ensino
 Outros fructos não dão ha meio seculo.⁴
 Só deve ser constellação do clima
 A causa desse seu silencio delles,
 Que saber não lhes falta, havendo-os mesmo,
 Digamos a verdade, omniscientes,
 (Com raras excepções nos reprovados
 Já duas vezes em concursos publicos.)

Quem bem sabe ensinar, é porque sabe,
 E os que bem sabem, escrever bem podem.

Não o fazem, porém, só por desidia,
 Por influencia deste clima lybico,
 Em que não ha frescuras, não ha sombras,
 Nem múrmuros arroios, verdes prados,
 Nem vozes de aves d'harmonias varias,
 E só do gaio o frigolar se escuta,
 Da gralha o cornicar, e do milhafre

¹ O Sr. Dr. Francisco Eduardo de Barahona e poucos mais.
 — Barahona falleceu em 25 de Janeiro de 1905.

² Esmoreceu com a morte de J. Sebastião Limpo Esquivel.

³ Foi a Universidade de Evora: é famoso edificio.

⁴ Depois dos professores Manoel Martiniano Marrecas, Dr. Augusto Philippe Simões, Dr. José Lopes Marçal (estudante ao ao tempo), Antonio Maria de Oliveira Parreira e agora o Sr. Silva Reis, nenhum tem escripto nada, que eu saiba.

Crebros lípiós, o pulpar do abutre,
 Ou da triste cegonha pernaltiva
 O breve gloterar com voz sumida.

Cabido tem mui numeroso em homens,
 A maior parte dos quaes são graduados
 'Nesta ou 'naquella escola, e quasi todos
 Conegos magistraes no Seminario;
 Mas, como os do Lyceu, gyram nas orbitas
 Que lhes prescrevem Estatutos velhos,
 Nas rezas da manhã e nas da tarde,
 Nos *mementos* rezar a bemfeitores
 Que em suas mandas os seus bens lhe deram.
 Pois já os teve nos volvidos seculos
 De muito respeitar, quaes, por exemplo:
 Barreiros, Severins e Vasconcellos,¹
 Que ainda vivos são na historia patria,
 Que vivos hão de ser em seus escriptos.

Os tempos outros são, mais diffundidas,
 Andam sciencias que no claustro, outrora,
 E que nas cathedraes se cultivavam.
 Poucos são hoje os que em letras busquem
 Honesto passatempo para o espirito,
 Interna vida de prazer tranquillo
 A que tanto se deram os passados,
 De parte as excepções que sempre houveram
 Estas corporações antimonasticas,
 'Naquellas sabios de má morte, celebres
 Na conversão de Ourique em Mar vermelho,
 E antigos bispos em degráos de escadas!...
 Ou nos que, lamentando que a carcoma
 Devore livros, pergaminhos, tudo,
 Com solerte avidéz catára o archivo

¹ Busquem seus nomes e vejam seus escriptos na *Bibliotheca Lusitana* e no *Diccionario Bibliographico*.

Não só da cathedral, mas dos conventos,
A bom recado pondo quantas cousas
Cega cubiça e avidez miravam...

Ahi tem, meu amigo, o que lhe posso
Dizer dos focos luminosos de Evora.
São opacos, bem vê, não reverberam
Lucidos raios de saber proficuo;
Em si e para si sós os absorvem.
Não ha que censurar em seus processos,
Nem eu pretendo censural-os nunca,
Ha só que lamentar a todos elles.

Mas, poderá dizer o meu amigo,
Mirando aquelles, que de fóra vieram:
—Se estereis esses são, os eborenses
Nados, creados lá talvez se orientem
Por outra estrella de mais alto brilho,
E tenham tempo para estudo, escripta,
Para a um livro qualquer ligar seu nome,
Que cá fique no mundo depois delles
Como facho de luz e luz das almas.

É suggestivo o meio, como sabe;
Apenas dez conheço estudiosos,
Que bem manejam penna em verso ou prosa
É de hora em hora se nos mostram vivos.
Outros haverá mais; mas, tão modestos,
Occultos na folhagem dos incognitos,
Que nem como a violeta pelo aroma
Diz onde jaz escondidinha, humilde.

Inda outros ha tambem, mui entendidos
Em varios ramos do saber humano,
Que guardam para si, cedendo apenas
Criticas chochas com visões de argucias

Rudes, broncas, sem finura alguma
Aos trabalhos dos mais desprezenciosos.

É facil modo de passar por sabios,
Perante nescios de acanhado engenho,
O que seguindo vão, esse seu delles,
O serem mais zangãos que ser abelhas.

Dão-me os taes a lembrar a uns sabiunculos
De quem fallava em Coimbra um meu compadre:
Não fallam muito mal, dizia elle;
Mas falta ver-lhes pôr o preto em branco,
*Unico meio de avaliar seu merito.*¹

Como estes cães das boas letras, outros
Palram discursos de feitio alheio
De muito embasbacar a ouvintes nescios,
Emquanto o auctor sisudo rejubila
Lá por dentro, ao ver o bomolóco
Com pennas de pavão tão enfeitado.

Outros ha mais que tal, e tal e cousas
Fazem mui bem, em seu proveito proprio.

'Nesta cidade transtagana as letras
Artes, sciencias não têm, pois, cultores,
Se não nãs excepções muito esporadicadas.

Não lembro ora que mais diga, amigo,
Amigo de outros tempos, desde Coimbra
A sempre bella, sempre linda terra,
Desde que novos lá vivemos annos,

¹ Chamou-se Leovegildo Antonio da Cunha, negociante na rua dos Coutinhos.

Até que acurvados a seu peso
Fitamos, contrafeitos, a *alma mater*,
A terra, que nos cria e nos transforma;
Porém, se mais quizer saber, toque os assumptos
E verá que ha muito que dizer ainda.

Evora, outubro de 1903.



IV

Lembrei-me de escrever a quarta serma
Em dia de finados, tendo escripta
Uma terceira, que imprimir não devo
Senão mais tarde, quando já maduros
Fôrem rapazes, que não dêem sorte
Ao ver trembrilhar capa encarnada
Das patrias letras na risonha arena.¹

Bem mal escolhido é, por certo, o dia
Para versos fazer de pé quebrado,
Quando nas torres já badalam sinos
Crebras lembranças de chorados findos;
Mas quê! se o mal é desses que não tem remedio,
E um mal maior o recordal-o ainda,
Sem proveito de alguém, só com dôr propria!...

Nada, na paz de Deos durmam finados,
Que abraçar, adorar já não podemos,

¹ Impressa vae em seu logar.

E guerra á tristesa a todo o transe :
Busquemos alegrias para magoas,
Que o solano da morte já nos sopra
Mais vida depois desta, descansada,
Sem ephialtas, pesadelos, dôres...
Sem cuidados nenhuns, livres dos homens
Inimigos crueis dos semelhantes,
Ou por invejas pessoaes ao merito
Que certos possam ter e não ter outros,
Ou por haveres e saber que tenham
Os que são invejados de invejosos.

Mas, como combater estas tristezas
Que os sinos lembram no dobrar plangente?
Não sei com no caso alguns procedem:
De mim sei que em vez de ir ao cemiterio
Em piedoso dever, o fiz d'outr'arte
Com a mesma intenção, buscando pobres,
Vivos, famintos, miseraveis, tristes...
E á cidade fugi, fui para os campos,
Seguido de um azor meu companheiro,
Meu amigo a valer, que não me offende,
Que não pode mentir, nem enganar-me
Se o quizera fazer, por não ter falla,
Por não poder usar dessa mortifera,
Terrivel arma, que manejam homens,
De maior perfeição como apanagio!

São ora tristes estes aros de Evora
Mais do que o são na primavera, estio,
Quando os verdes campos, louras messes
E bons ares nos dão vestidas arvores,
Recreio de olhos e delicias d'alma.
Quadra triste a do outono, e mais ainda
No adusto Alemtejo do que 'noutras
Provincias portuguezas, como as Beiras,
O fresco Minho, Estremadura amena
E o delicioso Algarve saluberrimo.

Já tudo é triste, já precursa o inverno;
Já não vibrissa o rouxinol amores,
Nem já d'abelha o bombilar se escuta,
Do tordo o trocilar, e nem da lebre
Crebros vagíos a correr nos campos.

Já não tarda a estação silenciosa
Em que a natura descansar parece,
Recobrando vigôr para mais brilhos
Uma e mil vezes ostentar eterna.

E vidas caem, como caem folhas!...
E novas vidas surgem, qual da touça
Rebentos brotam na estação das flôres.

É perto a noite, já declina o dia
E as trevas d'alma se me adensam lugubres...
Parecem-me esqueletos nuas arvores,
Que os dos mortos queridos me recordam.

Volvo os meus passos á cidade antiga,
Busco o silencio dessa torre erguida,
De Sertorio chamada, em que vivo
Fugido aos homens, a esperar tranquillo
O signal da partida para o tumulo,
Ultimo leito que terei no mundo.

Ali, descrente, socegado um tanto,
Ouvirei o signal de que o comboio
De vidas vae partir, não sei para onde...

Cerrou-se a noite já, o céo se obumbra
Trevas de mortos relembrando aos vivos.

Eis-me na torre medieva, celebre,
Meu domicilio derradeiro em Evora,

Sem confortos que tem os opulentos,
 E sem ao menos livros ter, sem nada!
 Vasia, a estante que os tivera autr'ora,
 Contém apenas os meus nada dentro,
 Os meus escriptos desde a mocidade,
 Verduras de rapaz atrevidissimo,
 Alguns, maduros fructos toleraveis,
 Outros, pêcos como este, ou já sorvados;
 Tem, comtudo, uma bibliotheca em cima,
 No busto de Camões, feito de gêsso.

A ti, grande Camões, excelso vate,
 Gloria de Portugal, perto de mytho,¹
 A ti me volvo supplicante, nescio,
 A ti, da patria maltratado em vida,
 A ti, que em versos a fizeste eterna
 E expiraste esquecido, quasi á mingoa,
 A ti peço me acudas, inspirando-me
 Os poucos versos que alinhavo insano.
 Derrama sobre mim os latifundios
 De teu vasto saber, acode ao misero
 Que humilde te venera e te respeita.

E é 'neste meio que inda tomo a penna,
 E 'neste meio solitario e triste
 Que ao tempo não concedo tregua alguma!
 Elle, a brandir a ferrugenta fouce
 Por me prostrar de vez, qual faz a todos,
 Eu, esta penna que lhe apara os golpes.
 Bem sei que o vencedor ha de ser elle;
 Mas tem que ver comigo antes que vença,
 Hei de fazer-lhe dar o vão na barba!

Pois quê? assim se attenta contra a vida
 De um cidadão pacifico, estudioso

¹ Perto de mytho, sim; porque parece impossivel que ninguem até hoje lhe visse a letra!

Por amigo de saber, e bembasejo,
 Que nunca jamais fez mal no mundo
 Se não no uso de defesa propria
 Contra a pulga mordaz e percevejos
 E contra sevandijas biquadrupedes?

Ha de, pois, ter que ver comigo, juro-lh'õ;
 Hei de lhe os golpes aparar da garra
 E volver-lh'os nos meus, nos desta penna.

Mas nem livros sequer! nem dictionarios
 Para consulta em duvidosos casos!
 A Biblia só e a Concordancia della
 Me ficaram aqui, como a theologo
 Que 'nestes livros lê um tanto ainda.

O que posso eu, pois, escrever que preste,
 Que, os nove fóra, me não deixe um zero?
 Nada. E na verdade as minhas sermas,
 Canções da tarde de uma vida exausta,
 Nada são mais que derradeiros echos
 De notas que soltei na mocidade:
 São esses golpes, a que alludo em cima,
 Que vibro contra a fouce da ceifeira
 Barbara, contra o tempo e contra a morte.

Quem dera poder ter ás minhas ordens
 Da Manisola a livraria vasta
 Do nobre titular e meu amigo,
 (Palavra a que não falta letra alguma)
 O que eu escreveria sumarento,
 Se não de todo meu, tirado ao menos
 D'este, d'aquelle, d'aquell'outro livro!

Dos velhos livros nascem muito os novos.

Faria um figurão no litterario
Mundo das letras, em que sou um trolha,
Serventuario dos excelsos mestres
Glorias d'actualidade e do futuro:
Talvez os houbreasse e houvesse mesmo
Quem me chamassem no porvir um classico!

Assim, sem livros ter, sou qual ferreiro
Com espetos de pão em sua casa;
Não passarei de ser um Rosalino,
Um poetastro como o são tantissimos,
Tanto cá, na cidade de Sertorio,
Como por esse Portugal adiante.

E basta, por agora, de mais serma,
De mais devaneiar sobre motivos
De essencia triste, como o são finados.

Para deletrear não falta assumpto:
Irei tocando seus diversos pontos.

Evora, Novembro de 1903.

Quiesco in fine



